

O Purgatório ou a misteriosa provação da Igreja sofrente

MEDITAÇÃO 6

Como introdução

Amigo peregrino, a tarde de domingo na estrada para Chartres nunca é fácil. Há, claro, o aspeto físico: já percorremos cerca de cinquenta quilómetros, as pernas tornam-se pesadas, os pés doridos. Mas há principalmente o aspeto mental. A partida de Saint-Sulpice, ontem de manhã, é agora apenas uma lembrança; a chegada à Notre-Dame de Chartres, amanhã, ainda não é uma realidade. Se não tivéssemos um relógio, seríamos incapazes de dizer quanto tempo caminhamos e quanto tempo ainda temos que percorrer. Estamos na meia-distância. Portanto, este é o momento certo para falar do Purgatório, que é o lugar por excelência da espera.

Ideias principais

- O Purgatório não é uma "invenção" recente da Igreja.
- Por que há um Purgatório?
- Estado das almas no Purgatório.
- A noção de duração no Purgatório.
- A pena do sentido: o fogo do Purgatório é uma realidade material.
- Não há aumento de caridade no Purgatório.
- A obrigação da pena temporal devida por todo pecado.
- Podemos interceder pelos falecidos.



A realidade do Purgatório

A palavra "Purgatório" aparece na Idade Média (século XI), mas a realidade de um estado de purificação antes da entrada no Céu para algumas almas já era evocada por alguns Padres da Igreja, incluindo Santo Agostinho († 430) e São Gregório Magno († 604), que falam de um "fogo purificador¹".

Sobretudo, a **prática muito primitiva e universal da oração pelos defuntos na Igreja** é uma prova da fé da Igreja na existência de um estado de purificação após a morte.

Mas acima de tudo, a doutrina do Purgatório já está presente na Sagrada Escritura. O texto mais importante está no Antigo Testamento, no segundo Livro dos Macabeus². Judas Macabeu obteve uma vitória brilhante à frente de suas tropas. Ao enterrar seus mortos, os soldados judeus percebem, no entanto, que alguns deles usavam amuletos pagãos sob a túnica. Judas Macabeu decide, então, reunir uma quantia significativa de dinheiro - cerca de 2000 dracmas - e enviá-la a Jerusalém para que se ofereça no templo um sacrifício pelo pecado: "Ele fez esse sacrifício expiatório pelos mortos, **para que fossem libertos de seu pecado**³."

Muitos teólogos viram nesse gesto, relatado e aprovado pela Sagrada Escritura, a prova da existência do Purgatório, pois trata de uma purificação, uma libertação do pecado após a morte⁴.

O Catecismo da Igreja Católica dá-nos uma síntese precisa da doutrina da Igreja sobre o Purgatório: "Aqueles que morrem na graça e na amizade de Deus, mas imperfeitamente purificados, embora assegurados da sua Salvação eterna, sofrem após a morte uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do Céu. A Igreja chama a isso de Purgatório, esta purificação final dos eleitos que é totalmente distinta do castigo dos condenados⁵."

As razões do Purgatório

Com a realidade do Purgatório firmemente estabelecida, tentemos agora compreender por que este estado de purificação é apropriado e até, de certa forma, necessário.

Lembremos primeiro quem é afetado pelo Purgatório.

Não se trata daqueles que morrem em estado de pecado mortal: vimos esta manhã que aqueles que têm a infelicidade de morrer em estado de pecado mortal são imediatamente conduzidos ao Inferno, onde permanecem eternamente privados da visão beatífica.

Também não se trata de todos aqueles que morrem em estado de graça, mas apenas daqueles que, embora morram na amizade divina, estão "imperfeitamente purificados⁶" e ainda não "repararam seus pecados com frutos dignos de seu arrependimento⁷". Eles ainda não estão prontos para entrar no Céu. Isso não seria apropriado nem para a santidade nem para a justiça de Deus

Santo Agostinho, Tratado sobre a Fé, a Esperança e a Caridade (Enchiridion), capítulo 69 [Padre Rouet de Journel, S.J., n°1920]; São Gregório Magno, nas Fontes Cristãs 265 Diálogos, Tomo III Livro IV, 39 [Padre Rouet de Journel, S.J., n°2321]2.2 Macabeus (12, 39-45)

3.2 Macabeus (12, 45)

4.Santo Tomás de Aquino, Comentário sobre as Sentenças, (l. IV, d. 21, q. 1, a. 1)

5.Catecismo da Igreja Católica, n°1030-1031 6.Catecismo da Igreja Católica, n°1030

7.Concílio Ecumênico de Florença, Bula Laetentur caeli sobre a união com os Gregos, 6 de julho de 1439, Enchiridion, DH (Heinrich Denzinger) n°1304

Na verdade, **Deus é santo e nada impuro pode aparecer diante d'Ele**. Nesse sentido, Nosso Senhor declara: "Felizes os corações puros, pois verão a Deus⁸." No entanto, pode acontecer que a caridade de uma alma, embora verdadeira, permaneça misturada com outros apegos. Nesse caso, não é suficientemente pura para ver Deus.

Portanto, para algumas almas em estado de graça, **existem obstáculos que o Purgatório deve remover**. Eles são três:

- 1.Pecados veniais não arrependidos;
- 2.Vestígios do pecado;
- 3.A obrigação da pena temporal devida por todo pecado.

Pecados veniais não arrependidos

Ao contrário do pecado mortal, o pecado venial não nos afasta de Deus⁹. No entanto, ainda é um pecado, uma ofensa a Deus, porque é, de alguma forma, um apego desordenado e voluntário às criaturas.

Vestígios do pecado

O pecado, seja mortal ou venial, uma vez arrependido e perdoado, deixa rastros na nossa alma, como dobras vincadas ou fragilidades da alma em relação ao pecado. São os vestígios do pecado, uma espécie de inclinação desordenada em direção às criaturas, certamente diminuída e não voluntária, mas que permanece presente na alma do antigo pecador, diminuindo progressivamente pela luta espiritual e não é compatível com a santidade de Deus.

A obrigação da pena temporal devida por todo pecado

Finalmente, mesmo que seja perdoado quanto à **culpa**, aquele que cometeu um pecado, mortal ou venial, ainda deve sofrer uma pena reparadora em justiça, chamada pena temporal, para reparar a desordem causada por seu pecado. Aqui está uma imagem para entender bem essa distinção importante entre a **culpa** e a **pena**: uma criança, desobedecendo à proibição de brincar na sala, quebra por descuido o belo vaso de porcelana que estava na lareira. Quando sua mãe chega, ele já se arrepende do gesto, arrepende-se principalmente de não ter obedecido à mãe que lhe havia proibido formalmente brincar na sala. Desata em lágrimas e pede perdão. O perdão é concedido rapidamente, mas o vaso, por sua vez, permanece quebrado. Assim, **a culpa é perdoada**, mas **a desordem causada pelo pecado permanece**, pelo menos parcialmente. É preciso **reparar em justiça**, por meio de uma pena. Se fosse um adulto, seria justo que ele comprasse um vaso idêntico, ou pelo menos oferecesse uma quantia equivalente em dinheiro. Como ele é apenas uma criança, sua mãe pedirá que ele limpe pelo menos a desordem ou dar-lhe-á uma punição justa.

Portanto, há uma pena temporal devida ao pecado. Já aqui na terra, somos chamados a livrarmos dela por meio de atos de amor, oração, sacrifícios, que reparam voluntariamente a desordem causada por nossos pecados. Não esqueçamos também da penitência dada pelo sacerdote na confissão, cujo objetivo é justamente começar essa reparação. Mas aquele que não amou e reparou suficientemente nesta vida terá que cumprir essa pena após a morte, por meio do fogo do Purgatório.

8. São Mateus (5, 8)

9. Lembremos que o pecado mortal é aquele que atende a estas três condições: matéria grave, pleno conhecimento, pleno consentimento. Se uma destas condições estiver ausente, o pecado não é mortal, mas venial.

O estado das almas no Purgatório

Vimos quem é afetado pelo Purgatório e por quê. Agora, vamos entender como ocorre essa purificação.

A pena principal do Purgatório

A alma que está no Purgatório está absolutamente certa da sua Salvação. Portanto, é habilitada por uma grande alegria. No entanto, isso coexiste com uma intensa aflição, **que seria errado minimizar**. De facto, no Purgatório, **a alma, por sua culpa, é privada da visão beatífica que poderia e deveria ter. Assim, a pena principal do Purgatório é suportar o atraso, a espera do Céu por sua culpa**. Aqui na Terra, não temos a visão beatífica e, admitamos, isso geralmente não é fonte de uma dor intensa e contínua. No Purgatório, no entanto, a alma está numa situação onde todos os bens terrenos lhe são radicalmente tirados, onde Deus é o único bem, e se vê, senão privada, pelo menos afastada, por sua culpa.

A pena do sentido

A essa pena do atraso da visão beatífica, que é a principal, acrescenta-se uma pena do sentido, infligida pelo fogo do Purgatório, que consome os restos do pecado. A natureza desse fogo permanece misteriosa, mas de acordo com a posição comum e tradicional dos teólogos, não se trata de uma simples metáfora, mas sim de uma realidade física. **O fogo do Purgatório é uma realidade material que retém, como num local e por um tempo, as almas que ali se encontram.**

O tempo no Purgatório

Uma vez que há um atraso, um período imposto antes da visão beatífica, proporcional ao grau de apego desordenado às criaturas que era o da pessoa no momento da sua morte, **deve haver algum tempo, alguma duração no Purgatório.** Certamente, não se trata do tempo contínuo que experimentamos aqui na Terra, mas sim de **um tempo descontínuo formado pela sucessão dos pensamentos.** Cada instante no Purgatório pode corresponder a dez, vinte ou trinta horas da nossa duração terrestre. Para imaginá-lo, pensemos nessas histórias de santos que, já na Terra, podiam ficar várias horas em êxtase, absorvidos por um único pensamento, sem ver o tempo terrestre passar, e que, ao sair do êxtase, pensavam ter rezado apenas um instante.

O efeito da pena do Purgatório

A maioria dos teólogos considera que os pecados veniais não lamentados no momento da morte são lamentados - e, portanto, perdoados - logo no julgamento particular, ou seja, no momento da entrada no Purgatório.

Os restos do pecado, por sua vez, desaparecem apenas gradualmente, e da mesma forma a pena devida ao pecado é paga gradualmente. No entanto, seria enganador conceber o Purgatório como um caminho de progressão ou aprimoramento no sentido próprio. De facto, há uma diferença importante entre a expiação que podemos realizar na Terra e aquela que ocorre no Purgatório.

Na Terra, de facto, podemos **satisfazer** por nossos pecados, ou seja, oferecer por nossa vontade, livremente, uma satisfação, uma compensação, ou seja, **um ato de amor que compensa nossos atos de recusa de amor:** penitências, jejum, obras de misericórdia e

caridade... Assim, na Terra, não apenas a satisfação nos permite pagar a pena temporal devida ao pecado, mas também nos merece um aumento da caridade, um crescimento em nossa santidade. No Purgatório, por outro lado, a pena não é escolhida - a alma provavelmente não teria tido coragem de impô-la a si mesma. Mas a pena é pelo menos aceite e até mesmo oferecida. Não se fala mais em satisfação, mas em "**satispaixão**", para enfatizar o aspeto passivo dessa expiação. Assim, **não há aumento da caridade no Purgatório.**

O que podemos fazer pelas almas do Purgatório

A última obra de misericórdia espiritual é: "Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos." Nós, que estamos na terra, não só podemos satisfazer por nós mesmos, mas também podemos interceder pelos falecidos. **Isso é chamado de sufrágio pelas almas do Purgatório.** Há aí um ato de caridade essencial, que é lembrado pelo Catecismo da Igreja Católica: "Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios por eles, especialmente o sacrifício eucarístico, para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja também recomenda esmolas, indulgências e obras de penitência em favor dos defuntos¹¹."

Por meio de seus sufrágios e devido ao vínculo da caridade, os vivos podem assim assumir parte da pena das almas do Purgatório.

Isso já acontece para cada boa obra. Sob a comunhão dos santos, cada boa obra de um deles beneficia a todos. Mas também podemos realizar uma boa obra com a intenção de beneficiar especialmente tal ou tal pessoa, tal ou tal falecido.

Entre as obras úteis às almas do Purgatório, é preciso mencionar especialmente **as ofertas de missa. O sacrifício eucarístico é, de facto, a fonte mesma da aplicação dos méritos e satisfações de Nosso Senhor em sua Paixão**, e o melhor meio de aliviar e ajudar as almas do Purgatório.

Conclusão

"Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia." Por meio das nossas boas obras aqui na Terra, satisfazemos por nossos pecados, fazemos de alguma maneira **"nosso Purgatório na terra"**, mas também podemos aliviar as penas das almas dos fiéis que estão no Purgatório, especialmente daquelas às quais estamos ligados pelos laços de sangue ou de afeto. Assim, participamos da Redenção, que é indissociavelmente uma obra da justiça e da misericórdia de Deus.

▣ Bibliografia

SANTA CATARINA DE GÊNOVA, *Tratado do Purgatório*, Ed. Emmanuel, 2013.

10. Existem sete obras de misericórdia corporais: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; acolher os peregrinos; visitar os doentes; visitar os presos; sepultar os mortos - e sete obras de misericórdia espirituais: aconselhar os que duvidam; ensinar os ignorantes; repreender os pecadores; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; suportar pacientemente as pessoas incômodas; orar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

11. Catecismo da Igreja Católica, nº 1032

• Charles JOURNET, *A Igreja do Verbo Encarnado*, vol. V, capítulo "A Igreja Sofredora", Edições São Agostinho, 2005. Texto de acesso livre sob o título "A doutrina católica sobre o Purgatório" no seguinte endereço:

<http://docteurangelique.free.fr/bibliotheque/theses/journet/purgatoire.htm>

• Martin JUGIE, *O Purgatório e os meios de evitá-lo ou o Céu imediatamente após a morte*, P. Lethielleux, 1940 (394 p)

"Citações 6 - O Purgatório ou o misterioso teste da Igreja Sofredora"

Há um Purgatório e as almas que lá estão retidas são ajudadas pelas intercessões dos fiéis. Papa Pio IV na bula *Iniunctum nobis* (1564)

"Nenhuma paz se compara à da alma do Purgatório, exceto a dos santos do Céu [...]. Por outro lado, também é verdade que elas suportam tormentos que nenhuma língua pode descrever, nem nenhuma inteligência pode compreender.

Se as almas do Purgatório ainda pudessem merecer, bastaria um único ato de arrependimento para saldar toda a sua dívida, devido à intensidade desse ato. Elas também sabem que nem uma pequena quantia lhes será perdoada; isso é o decreto da justiça divina. E se piedosas intercessões são oferecidas por elas, pelas pessoas deste mundo, regozijam-se apenas de acordo com a vontade de Deus e sem orgulho próprio.

Deus é toda bondade; mas a essência divina é tão pura que a alma, tendo em si um impedimento, precipita-se no Purgatório¹² e encontra ali essa grande misericórdia: a destruição desse impedimento.

Essas três citações são extraídas do Tratado do Purgatório de Santa Catarina de Gênova (1447-1510).

Deves acreditar que há um fogo purificador para alguns pecados, porque a verdade eterna afirma que se alguém blasfemar contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado nem neste século nem no futuro. Papa Gregório Magno (540-604).

Desde os tempos dos apóstolos, a Igreja Católica ensinava que as almas que partiram deste mundo, puras e livres de todo o pecado - ou seja, as almas dos santos - entram imediatamente na felicidade. As almas daqueles que, após o batismo, pecaram, mas que se arrependeram sinceramente e confessaram seus pecados, embora incapazes de executar a penitência prescrita pelo confessor ou de produzir frutos de arrependimento suficientes para expiar seus pecados, essas almas são purificadas pelo fogo do Purgatório, às vezes rapidamente, às vezes mais lentamente, de acordo com seus pecados; e depois, após a purificação, partem para os lugares da felicidade eterna. As orações do sacerdote, os ofícios litúrgicos e os atos de caridade contribuem grandemente para a purificação delas. As almas daqueles que morreram em pecado mortal ou no pecado original vão diretamente para a condenação. Concílio de Florença (1438-1439)."

¹²"Vimos em que sentido devemos entender esta expressão: a alma não escolhe sua pena, mas aceita a pena que Deus lhe impõe e, acima de tudo, a oferece por amor."

"Obter uma indulgência plenária

MEDITAÇÃO 6 bis

A indulgência é o perdão diante de Deus da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa.

É a Igreja que distribui e aplica ao fiel bem disposto e sob certas condições, o tesouro das reparações e satisfações de Cristo, da Virgem Maria e dos santos.

A indulgência pode ser plenária (uma por dia) ou parcial e pode ser aplicada a si mesmo ou às almas do Purgatório, por sufrágio.

As condições necessárias

- ser batizado;
- ter a intenção real de obter a indulgência;
- realizar a obra prescrita;
- estar em estado de graça após a confissão realizada nos últimos 8 dias;
- estar desapegado de todo pecado, mesmo venial;
- comungar no mesmo dia, na véspera ou nos últimos 8 dias;
- rezar pelas intenções do Sumo Pontífice (Pai Nosso, Ave Maria, Glória)."

"Pergaminho de bênção apostólica e indulgência plenária do Papa Pio XII (26 de outubro de 1948)"

